



## MUROS DE LIBERDADE

AS IMAGENS ESQUECIDAS DE LISBOA  
E O CLAMOR DE HOJE

## GERAÇÃO À DERIVA

DESEMBARCAR NUM COMPROMISSO COM O FUTURO

KARL-ECKHARD CARIUS



Depois do naufrágio da «Europa» e dada a dificuldade em vislumbrar uma saída para este paquete de luxo, voltei-me para Peter Weiss,<sup>1</sup> que me deveria explicar o catastrófico panorama a partir de uma pintura de Géricault. Escrevia-me ele assim:

«Contudo, a pintura de Géricault havia sido um ataque perigoso à sociedade estabelecida. Desde logo, com a violência do formato, sete metros por cinco, ameaçava fulminar todas as restantes obras do Salão; no entanto, o mais insuportável para os notáveis presentes era o tema que colocava a nu a corrupção dos funcionários públicos, o seu cinismo, o seu egoísmo.»<sup>2</sup>

E continuava: «Uma catástrofe isolada havia dado lugar a uma alegoria da condição de vida. Voltando as costas aos acomodados com total desprezo, os

homens que navegam convictamente na jangada, sob os salpicos da água do mar, representam uma geração à mercê, que, na sua juventude, ainda havia conhecido a tomada da Bastilha. Encostam-se e apoiam-se uns nos outros, todos eles resistentes; o que os poderá ter conduzido àquela embarcação é já passado, está esquecida a luta pela vida, a fome, a sede, a morte em alto-mar, gerou-se entre estes homens um sentido de união; com o apoio e a mão de quem está ao lado, juntos, afundar-se-iam agora ou, juntos, sobreviveriam, e o facto de aquele que acena, o mais forte de todos, ser africano, quem sabe embarcado na Medusa com a carga para ser vendido como escravo, leva-nos a pensar na libertação de todos os oprimidos.»<sup>3</sup>

Weiss acrescentava ainda que se tratava afinal de contas da recuperação da cultura daqueles sem os quais não existiria de todo qualquer cultura, mas que ainda assim dela continuam a ser excluídos. A libertação não nos poderia ser oferecida; teríamos de ser nós próprios a conquistá-la. Caso não a conquistássemos, esta não teria qualquer significado para nós.

Em resposta, escrevi-lhe que tinha visto algumas imagens deste tipo que teriam contribuído para a capacidade de atuação cultural. Eram imagens em que se podia ler o entusiasmo pela superação da ditadura, pela liberdade conquistada a pulso e por um novo Portugal democrático – bem como o combate ideológico pelo futuro político do país. Eram pinturas murais e epigramas com temáticas partidárias e eleitorais da Lisboa pós-revolucionária. Algumas destas imagens existiam ainda no início dos anos 90.



Os altos muros de quintas abandonadas e as paredes de fábricas em ruína incitavam precisamente a que nelas fosse inscrita a liberdade alcançada. Estas cenas em grande escala surgiam-nos como páginas de um enorme livro urbano que ilustrava a história revolucionária do país: homens com rostos angulosos e em poses marciais: de boina, mangas arregaçadas e punho em riste. Mulheres decididas de espigas e foice na mão – e com armas. Soldados com diversas armas, agricultores, operários fabris, académicos e estudantes, jovens e crianças: O povo

<sup>1</sup> Peter Weiss (\* 8 de novembro de 1916 em Nowawes junto de Potsdam; † 10 de maio de 1982 em Estocolmo). A sua obra central é o romance em três volumes *Estética da Resistência*, uma das «mais importantes obras de língua alemã dos anos 1970 e 1980».

<sup>2</sup> Peter Weiss: *Ästhetik des Widerstands*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main 1983 (p. 343) (título em português: *Estética da Resistência*)

<sup>3</sup> Peter Weiss: *Ästhetik des Widerstands*. (p. 345) Ver também: <http://www.kat.ch/bm/aesthetik.html> (título em português: *Estética da Resistência*)

unido – com bandeiras vermelhas e pictogramas inconfundíveis. Olhei para as imagens como que para um relógio parado, para clichés inertes da luta de classes e dos seus antepassados.

Em meados dos anos 1980, fotografei as pinturas murais que marcavam a imagem urbana de Lisboa. Um passado turbulento visível no presente ordenado. Imagens de autores anónimos, cores desbotadas, cenas que não queriam emudecer-se. O realismo com que foram devotamente pintadas conferia-lhe um carácter especial no âmbito da arte política. Vestígios apagados de uma utopia social e da esperança sempre viva face a um mundo melhor.

Conseguia ouvir o estrondo dos disparos de valorosos jovens oficiais que recusavam a sangrenta guerra colonial em Angola, Moçambique e outras províncias africanas no Ultramar e que, em Portugal, concretizaram a revolta. Amplas camadas da população solidarizaram-se com eles.



Conseguia ouvir o ruído na rua e o apelo a uma sociedade livre e mais justa. Sentia o espírito coletivo e a força gerada por estas imagens, a fúria que se manifestava em frios muros e paredes, conseguia ler os vestígios de uma «vila morena»<sup>4</sup> e a luta no sentido de um novo caminho político. Vi-me a recuar na minha própria história, na Berlim de 68:

O conflito com o pesado passado nacional-socialista dos nossos pais; a mobilização de massas desencadeada pela guerra do Vietname e a crítica ao imperialismo dos EUA; a decisão de agir e não assistir; a emancipação e a libertação interior, um processo que agudizou a nossa consciência e que soltou as nossas energias; a arrogância do poder – e a vontade de a quebrar. Olhei directamente para esgares de violência.

Observei os abismos do radicalismo, o fracasso e a tragédia do terrorismo com todas as suas consequências – e, por fim, tomei consciência da resignação: de termos chegado a um beco sem saída. Ouvi os sons que evocavam um espírito de liberdade. – E acabei por ver que a intenção e as imagens irão repetir-se vezes sem conta: com outros símbolos, outras cores, outros muros.

Embora as pinturas murais da Revolução dos Cravos, em Lisboa, tenham perdurado muitos anos, tenham sido sobrepostas com novas palavras de ordem na luta entre as fações e tenham sido atacadas com sacos de tinta, dava para entender que as mensagens revolucionárias nas paredes iriam expirar – e que, subsequentemente, se tornariam vítimas do sentido de organização urbana e dos tentáculos sedentos de propriedade do cada vez mais omnipresente polvo financeiro e imobiliário. Neste período, Portugal parecia não querer saber grande coisa sobre o seu revolucionário passado político. Acrescia ainda, em 1986, o êxito da adesão à Comunidade Europeia.



FOTO © KE CARIUS

<sup>4</sup> «Vila morena»: Da canção revolucionária *Grândola, Vila Morena*, escrita e composta pelo compositor antifascista José Afonso.

Era o tempo da emergência do neoliberalismo, dos infiltrados da política e da economia, dos habilidosos malabaristas dos mercados financeiros, dos precursores e impulsionadores da mudança – aliás também no sentido de uma sociedade dominada pelo «eu». As palavras de ordem da revolução e as cenas heroicas nas paredes já não combinavam assim com a imagem da nova consciência social que penetrava agora numa evolução dinamizada do mercado e que se rendia ao apetite consumista. «O que em tempos para os filósofos era a vida», – já dizia Adorno – «tornou-se esfera do privado e depois do consumo, arrastada como apêndice do processo de produção, sem autonomia nem substância própria.»<sup>5</sup>

Naquela fase da reviravolta, impregnada da euforia do crescimento e do bem-estar, era compreensível querer entrar no cruzeiro de lazer que era a «Europa», especialmente se pensarmos que os caminhos marítimos já haviam sido descritos n'Os *Lusíadas* de Luís de Camões e que, no século XV, Henrique, o Navegador, já havia mostrado a Portugal o caminho de saída da Europa rumo a um mundo novo. Ninguém podia adivinhar que se escondia por trás das caretas das nuvens o ameaçador perigo de naufrágio, que Victor Hugo descrevia simbolicamente na sua Ode «L'histoire» como «mer profonde»<sup>6</sup>: é o polvo que arrasta para a escuridão do mar e «que aprecia especialmente arrecadar os tesouros que faz por extorquir às suas vítimas».<sup>7</sup>

A Expo'98 de Lisboa estava a ser planeada: seria a oportunidade de o mundo reconhecer de que alma era realmente feita a «cidade branca». Com toda a autoconfiança apresentou-se este país cuja prosperidade, se baseava todavia amplamente em subsídios, crédito e especulação. E todos quiseram lucrar com esta mudança – com e no sistema: grandes grupos empresariais e, sobretudo, gananciosos especuladores e bancos mal geridos.

Perguntei então a Weiss se, considerando a ameaça de naufrágio da «Europa», a principal atração da Exposição Mundial de Lisboa, o Oceanário, também poderia ser interpretada como um presságio que já permitia aos passageiros um vislumbre das profundezas dos mares, onde dominavam polvos e tubarões.

Weiss não quis acompanhar sem mais a minha visão apocalíptica, mas em comparação lembrou a sorte do *Titanic* e, mais recentemente, do *Costa Concordia*. Se no primeiro foi o *iceberg* que afundou o navio de sonho, no caso do outro cruzeiro gigante ao largo de Giglio foi um comandante miserável e a sua tripulação de assalariados baratos que deixaram naufragar a sociedade de recreio.

A tragédia da «Europa» não é determinada pela natureza. Mais uma vez são os homens ao seu leme que conduzem o destino dos passageiros, que, na sua odisseia, os condenam a assistir a bordo ao processo do escandaloso abandono da indústria tradicional portuguesa: têxteis, peles, agricultura e pescas; à deslocalização das suas indústrias produtivas para outros continentes e países – apenas e exclusivamente com o pensar no lucro. A ter de assistir a como o país caiu na crise económica e num desastre social; a como a maioria dos políticos e, sobretudo, os protagonistas dos mercados financeiros perderam de vista o povo, mas não a sua própria cobiça e o negócio da conservação do poder.

Alarmados com o lúgubre rasto da embarcação e com a sensação de lhes ter sido roubada a identidade cultural, o grupo de viajantes portugueses da «Europa» voltou a pôr energeticamente os pés em terra firme com um reencontrado sentimento nacional de «nós». Dominados por fúria, mágoa e desesperança, começam a pintar e a pulverizar o reflexo do seu pavor nas paredes de Lisboa – à semelhança da geração de há décadas: embora com outros símbolos e outras cores.

Ao nível das manifestações artísticas, estes protestos visuais nas paredes são atualmente subordinados a conceitos como *street art*, *stencils* e *graffiti*. Uma revista semanal alemã escrevia mesmo que os «apelos à greve geral ornamentavam paredes do país inteiro»<sup>8</sup> – uma amarga ironia, como se se tratasse de um grande evento.

<sup>5</sup> Theodor W. Adorno: *Minima Moralia, Reflexionen aus dem beschädigten Leben*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main. 2003, p. 13 (título em português: *Minima Moralia, Reflexões a partir da Vida Danificada*)

<sup>6</sup> Na ode «L'Histoire» do 2.º livro de *Odes et Ballades*, Victor Hugo menciona a sorte dos povos de um «mer profonde» (mar profundo).

<sup>7</sup> Onno Gross: "Mythos Meeresungeheuer", [http://nachrichten.Freenet.de/wissenschaft/natur/mythosmeeresungeheuer\\_724504\\_533372.html](http://nachrichten.Freenet.de/wissenschaft/natur/mythosmeeresungeheuer_724504_533372.html)

<sup>8</sup> SPIEGEL-online: "Krisen-Kunst in Portugal, Die Wut an den Wänden", por Katharina Finke, 14.06.2012

E depois ainda ouço Peter Weiss dizer como «por vezes, ao ler e ver as imagens, lhes advinha a sensação de impasse, toda a desconfiança contra um mundo que triunfou sobre o sacrifício e a repugnância com cores e formas.»<sup>9</sup>

Se o móbil do movimento do «25 de abril» era a libertação da ditadura fascista do país, a luta contra a opressão da liberdade civil, os passageiros da avariada «Europa» encontram-se na crise existencial e humilhante de já não poderem pagar os custos excessivos desta viagem de recreio.

Se há quarenta anos o povo português lutava pela democracia, hoje combate os abusos da democracia e a perda de confiança no próprio Estado, bem como o questionável cenário de atuação da Troika da União Europeia, que levou as massas para a rua. E o clamor não podia ser mais alto, o fumo dos foguetes não podia ser mais vermelho – no plácido e geralmente tão pacífico Portugal.

Na altura, ninguém quis levar a sério as reflexões visionárias de Saramago quando, no ano da entrada para a CEE, alertou para o eurocentrismo e para as consequências de uma «menoridade global organizada» num «mundo pré-formatado». Teve a visão de toda a Península Ibérica a separar-se do continente e a navegar pelo Atlântico fora. No seu romance-parábola *A Jangada de Pedra* lança, como símbolo da sociedade e guiado pela ideia de um Estado ibérico, lança um pequeno grupo de viajantes numa caminhada errante pelo país, a fim de viverem temporariamente a utopia de uma vida diferente – como poderia ser, mas não o é. Ao contrário das massas, refletem sobre os acontecimentos, num espírito de solidariedade humana e de sensibilidade mútua, para encontrarem uma identidade própria, uma identidade portuguesa e espanhola. Saramago contou uma «história de pessoas comuns cuja vida é uma luta permanente pela dignidade e pela autoafirmação contra os constrangimentos económicos e políticos de todos os tempos.»<sup>10</sup> – No presente, prossegue a busca por um mundo como deveria ser, e a luta pela sua conquista continua.

Se outrora Portugal havia mostrado à Europa o caminho para um novo mundo, agora é a Europa quem obriga Portugal a seguir um caminho, o de «adelgaçar» o Estado. Ou seja: poupar, «alimentando-se a migalhas», e calar. Todavia, em toda a sua existência geograficamente marginal, este país nunca perdeu a sua segurança ontológica como povo, nem a sua esperança face a uma EUROPA que assenta «nos valores indivisíveis e universais da dignidade do ser humano, da liberdade, da igualdade e da solidariedade»<sup>11</sup>. Conceitos que os políticos gostam de declamar perante as câmaras.

Situamo-nos numa violenta crise de sentido, num labirinto de problemas insolúveis, num estado permanente de apatia e impotência – algo que a maioria das pessoas não quer aceitar ou não quer ver. Sob a pressão da economia financeira e orientada por um calculismo eleitoral, a política marca passo, enquanto os meios de comunicação e entretenimento nos presenteiam na sua programação 24 horas por dia com publicidade e, a pensar nos *shares*, nos disseminam a ideia de «diversão», como fertilizantes para conseguirmos aguentar mais um pouco.



«A única coisa que as pessoas vão ter em comum no futuro» afirma Bazon Brock «será o confronto com problemas inerentemente insolúveis.»<sup>12</sup> As alterações climáticas e as suas consequências. A guerra e o terrorismo. A fome, almas humanas destruídas. Cidades em ruínas, nas quais praticamente não existe um pedaço de parede onde escrever uma palavra. Destruição e reconstrução e, novamente, destruição e reconstrução. Um processo cíclico impulsionado pelo poder, as conceções do mundo, a ignorância e a ganância, no qual vivemos há uma eternidade, com sofrimento desnecessário e vítimas humanas desnecessárias. Um ciclo desastroso que nós, hoje, mesmo enquanto sociedade supostamente esclarecida, não somos capazes de quebrar. Parece difícil conseguir abrandar o movimento em espiral do nosso consumo insaciável, que nos transformou em espécie de compradores permanentes, com a consequência fatal do desperdício de recursos e da

<sup>9</sup> Peter Weiss: *Ästhetik des Widerstands* (p. 349) (título em português: *Estética da Resistência*)

<sup>10</sup> Thomas Sträter: *Neue Zürcher Zeitung*, Feuilleton. "José Saramago – Allegorie und Lebensnähe, Zum Tod des portugiesischen Literaturnobelpreisträgers" de 18 de junho de 2010

<sup>11</sup> Retirado do Preâmbulo da «Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia» proclamada em dezembro de 2000.

<sup>12</sup> Bazon Brock: "Die Denker, Amt für Arbeit an unlösbaren Problemen und Maßnahmen der hohen Hand." <http://www.denker-berlin.de/>.2011

